

### **3 Capítulo 2: O FLANÊUR E A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA COMO EXPÉRIÊNCIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade.

Certeau, 1994

Para a efetivação da pesquisa proposta, foram realizadas incursões em lugares de encontro – predominantemente, boates – de homens que se relacionam erótica e sexualmente com outros homens. A escolha deu-se a partir de um mapeamento “afetivo” do Rio de Janeiro: lugares já freqüentados pelo pesquisador há mais de uma década, lugares recentemente construídos para o lazer de homens homossexuais, bares e trechos de praias descobertos durante a preparação do presente texto.

O pesquisador está efetivamente implicado com seu objeto de investigação, o que dá a narrativa um caráter intensivo, mas que não justifica uma absolutização do olhar do investigador. Para que aquilo que se tornou familiar possa ser resguardado em sua diferença, é necessário tornar-se uma espécie de “flanêur”, em que palavras, gestos, expressões, brincadeiras, corpos, músicas e perfumes possam ser apresentados sem serem reduzidos a uma representação pessoal de quem investiga. A figura do flanêur garante uma aproximação ao objeto, de forma a proteger sua identidade. Mas não se pode negar que o olhar é uma perspectiva, ancorada na discussão benjaminiana sobre a flânerie.

#### **3.1. Rio de Janeiro, à Noite**

O ato de caminhar parece (...) encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação.

Certeau, 1994

Não se fala de um Rio de Janeiro qualquer: uma outra cidade compõe-se ao anoitecer e grupos distintos de homens encaminham-se aos lugares em que

possam se divertir e encontrar parceiros, amigos, fazer sexo, beber cerveja, fumar cigarros e dançar. Inicialmente, lugares autônomos: Jacarepaguá, Centro da Cidade do Rio de Janeiro, Zona Central de Niterói, Copacabana, Ipanema e Cabo Frio. Em cada um desses lugares, há uma boate para gays e os seus freqüentadores têm muitos traços em comum e muitos outros em desacordo.

Em Niterói, uma velha boate é o lugar de encontro de pessoas de diferentes grupos. Em diferentes dias da semana, pode-se encontrar jovens “punks”, universitários e nos finais de semana, uma presença majoritária de homens homossexuais. A boate é pequena, espaços exíguos, paredes escuras, rostos brevemente reconhecíveis: facilmente, pode-se encontrar as pessoas em outros espaços da cidade, durante a semana. A boate encontra-se num ponto considerado um pouco “maldito” pelos moradores de Niterói, devido à dificuldade de estabelecer-se um comércio naquele lugar.

Há dois andares, sendo que o de cima é aberto, logo depois do espaço para a pista de dança. O espaço a céu aberto guarda as referências dos antigos célebres freqüentadores da boate, pois há uma espécie de “calçada da fama”, em que artistas da noite deixaram a marca de suas mãos em quadrados de cimento.

Pode-se acompanhar a mudança das horas no espaço aberto da boate. Numa noite, um rapaz travestido revolta-se com a derrota de uma atleta brasileira nas Olimpíadas, que tinham sido objeto de preocupação de muitas pessoas durante a semana. Inicialmente, o rapaz tenta imitar a atleta, fazendo piruetas e posicionando-se para o aplauso do “público”. Depois, ele se revolta e grita que é incompreensível que a atleta tenha sido derrotada. Percebe-se que o sotaque do rapaz é de um outro estado, possivelmente nordestino. A inicial brincadeira alcança o paroxismo, pois é evidente que ele está lamentando-se, mas de forma tão excessiva, que alguns freqüentadores riem, outros apenas olham.

O paroxismo do rapaz nordestino é o mesmo de um artista que se indigna com a reação do público à um travesti gordo. O artista pega o microfone e dá uma demorada demonstração de sua inquietação com os gritos do público. A mesma intensidade de sensações pode ser assistida num show erótico, em que um rapaz esfrega-se no corpo de uma moça e fica com o pênis ereto. O público quase delira, um pouco irritado com a presença de um modelo feminino na boate.

Está sempre presente o signo do exagero. Seja nos shows, seja nas pistas, são indivíduos diferentes, mesmo que possam ser encontrados fora da boate. O

exagero está na roupa dos artistas, nas suas brincadeiras, nas suas palavras, nos risos já finais quando se aproxima a manhã e a boate é fechada. Mas a boate mantém-se, a ponto de ficar lotada aos domingos.

A boate oferece uma mistura de oportunidades, mas geralmente são pessoas de lugares mais pobres de Niterói ou de municípios próximos que a freqüentam, o que se fica sabendo através das conversas que os freqüentadores estabelecem entre si, ao falarem dos lugares em que moram e, mesmo, através da observação dos grupos de indivíduos que se encaminham ao terminal de ônibus em que se encontram as linhas que fazem a ligação de Niterói com outros municípios e com os bairros periféricos da cidade. Numa noite, carros da polícia ficam rondando o estabelecimento, pois grupos de pessoas têm agredido os homens que saem, já de madrugada, da boate.

As músicas tocadas são “mixadas” por artistas que não têm o desempenho de artistas de lugares mais famosos da cidade para o público homossexual. O público viaja uma dj que erra continuamente no manejo da mesa de som. Essa boate, aparentemente tão vulgar, guarda sentidos importantes da experiência homossexual masculina: freqüentando-a há mais de uma década, acompanha-se a mudança de estatuto de um garoto que tinha sido a sensação da boate numa noite, mas que à medida que ia envelhecendo, ia perdendo o seu posto; acompanha-se o auge e a banalização de uma artista que faz shows de humor nos palcos das boates gays do Rio de Janeiro; acompanha-se a reforma do espaço e sua degradação; depara-se com rostos distintos de homens gays, ou melhor, depara-se com feições distintas da própria experiência homossexual.

O espaço disponibilizado pela boate é ocupado por *devires* da experiência homossexual. Há os meninos frágeis e efeminados, há os homens mais velhos, há os personagens da cidade, como um rapaz que parece ter problemas mentais e que sempre pede um cigarro a desconhecidos. Microcosmo da cidade, a boate fornece várias imagens acerca da experiência homossexual masculina, pois há relações que se iniciaram e terminaram, escutam-se músicas tristes e músicas divertidas, acompanha-se a presença de rapazes e de homens. Há uma diversidade de traços e de corpos num mesmo espaço da cidade. A fluidez do que se vê gera uma instabilidade quanto ao objeto observado, mas, em geral, a instabilidade é enfraquecida pela referência ao “desejo”: são homossexuais. A categoria “homossexualidade masculina” é usada a partir da emergência das ciências da

sexualidade humana, questão que ocupou boa parte das investigações médicas e discussões moralistas do século XIX no intuito de articular-se um gerenciamento positivo da existência coletiva. Pelo seu caráter histórico e polêmico, o tema será re-discutido em capítulo posterior.

Os homossexuais enfrentaram, nas décadas de 80 e de 90 do século passado, a presença do risco da morte representada pelo vírus HIV através de uma preocupação quase coletiva com o uso do preservativo e a conscientização quanto aos riscos. Com a inserção de gerações mais jovens e com o advento da cultura do consumo e da busca desenfreada pelo prazer pessoal, ou mesmo, com o triunfo do prazer, surgiram outros rostos na boate, outros perfumes e enfraqueceu-se a tensão inicial com a epidemia de AIDS. A homossexualidade masculina relativiza-se no decorrer de sua própria presença na cidade. A boate velha e escura de Niterói é como uma amante que, apesar dos sinais de seu envelhecimento, guarda a singeleza do que nos tenta. Às vezes, um rosto desconhecido, às vezes, homens curiosos após um jogo de futebol que querem beber e divertir-se, às vezes, os estudantes das universidades mais próximas. Nunca se tem absoluta certeza do que se vai encontrar na boate, que tem um nome sugestivo, “Vollúpya”.

A primeira boate que é objeto de uma apresentação mantém com os seus freqüentadores uma relação ambígua, como aquela que há entre os homens e uma velha boate do Centro do Rio de Janeiro, construída na época em que se fazia uma obra para o metrô. O sugestivo nome que a boate recebeu, “Buraco”, remete o pesquisador a reflexões diversas: efetivamente, parece um “buraco”, forma pejorativa de referir-se a um lugar decadente ou pitoresco. No entanto, a freqüência é grande, sendo que, em alguns dias, há distribuição de cerveja e refrigerante durante quase a noite toda, o que ocasiona uma maior permissividade por parte dos indivíduos. As boates mais antigas guardam referências da clandestinidade da experiência homossexual, aparecendo, às vezes, em roteiros de diversão do final de semana como espaços exóticos, chamando a atenção de públicos híbridos.

A boate “Vollúpya” nutre, a partir da atual percepção, um conjunto de imagens importantes sobre a homossexualidade masculina. O que inquieta na boate é sua precariedade, embora os laços entre os indivíduos não sejam precários: reflexo da lua que se desenha no céu, do calor ou das gotas de chuva da

madrugada, os olhos dos indivíduos que ali se encontram são interlocutores da atual percepção. A partir de uma deambulação pela boate e pelos espaços próximos a ela, é possível encontrar becos, escadas próximas à Baía de Guanabara, quiosques onde as pessoas bebem e cantam músicas que amam. Signo mundano da busca de parceiros e de amizades, é forçoso admitir que a volúpia, que se apodera das pessoas, relaciona-se ao tecido do que compõe o cenário da noite, ajudado pela música alta e alegre que impulsiona os freqüentadores a divertirem-se.

No espaço exíguo da boate, as referências médicas e sociais que invadiram as relações entre homens desde o impacto da epidemia de AIDS enfraqueceram-se, tornando legível a elaboração de novas feições da homossexualidade masculina; enquanto os artistas que faziam shows no palco antigo da boate insistiam em falar sobre prevenção nos anos 80 e 90, atualmente eles preferem conversar sobre o lugar em que as pessoas moram, ironizando a origem dos noctívagos, seja por supostamente morarem em lugares insalubres e pouco nobres no imaginário dos indivíduos, seja por irem às piscinas que o governo do Estado do Rio de Janeiro tem construído em praias da Baía de Guanabara. A crítica migra dos estilos de vida inseguros à realidade econômica dos freqüentadores da boate.

Um outro ponto que chama a atenção é a masculinização dos artistas, simultânea à absorção pública da realidade trazida pela AIDS: inicialmente lânguidos e femininos, muito magros ou excessivamente gordos e caricatos, eles começam a mostrar músculos trabalhados em academia. A caricatura proposta pelos shows nas boates fica ainda mais forte à medida que alguns artistas “masculinizam-se”. Um dos artistas foi objeto de reportagem em uma emissora de televisão nos anos 80, focalizando-se sua freqüência a bares comuns da cidade e sua vida comum durante a semana. Esse é um importante signo de uma parte da homossexualidade masculina: ela vai imiscuindo-se à trama da cidade, tornando frágeis as antigas formas de visibilidade cultivadas.

Recolher signos noturnos da experiência homossexual é reflexo de uma postura metodológica articulada a partir das discussões teóricas sobre a “flanerie” em jogo na obra de Baudelaire e incorporadas à teoria de Walter Benjamin sobre a Modernidade. Uma postura de espectador sobre a noite freqüentada por homens que se relacionam com homens é informada pelo esforço teórico de identificar o

caráter que a experiência humana conquista no contexto da modernidade nos espaços construídos para a circulação de pessoas e mesmo para a sua fixação. Baudelaire buscou, através da preocupação com o trânsito de indivíduos no burburinho das cidades, construir uma imagem da Modernidade.

### 3.2. O Flanêur, a Partir de Walter Benjamin

#### Primeiros socorros

Um bairro extremamente confuso, uma rede de ruas, que anos a fio eu evitara, tornou-se para mim, de um só lance, abarcável numa visão de conjunto, quando um dia uma pessoa amada se mudou para lá. Era como se em sua janela um projetor estivesse instalado e decompusse a região com feixes de luz.

Benjamin, 1993b, p.35

Walter Benjamin (1994) dá, em parte de sua obra, uma importância capital à prosa e à poesia de Baudelaire na tentativa já apresentada de estudar materialmente a Modernidade européia. Uma figura que se destaca em seus estudos é o *flanêur*, personagem assumido por Baudelaire em sua narrativa sobre as massas, sobre o caráter desumano, aparentemente assimilável às ondas do mar, dos aglomerados de indivíduos que se sobrepõem à fragilidade dos indivíduos isolados. Enquanto personifica a condição de herói, Baudelaire persegue o trânsito das massas no século XIX.

A fim de apresentar o trabalho de Baudelaire, Benjamin (1994) inicia o seu estudo sobre o *flanêur*, introduzindo uma caracterização das fisiologias, gênero de escrita proposto em fascículos de aparência insignificante em formato de bolso que se ocupavam com a descrição dos tipos humanos encontrados por quem visita uma feira, comuns até 1840, quando entram em decadência. Eram narrativas pequeno-burguesas, de acordo com Benjamin, que se dirigiram gradativamente ao estudo das cidades e, posteriormente, à realização de uma caracterização dos povos. Baudelaire inaugura uma forma de escrita que se destaca da fisiologia, por não ser uma construção ingênua ou inofensiva. Em Baudelaire, critica-se a condição do narrador de profundo conhecedor da natureza humana e destaca-se o crítico da Modernidade.

O *flanêur* é uma personagem que se constituiu como um estudioso de botânica no asfalto. Como Haussmann ainda não havia feito as célebres reformas em Paris, o *flanêur* dependia das Galerias, que eram consideradas um “mundo em miniatura”, de acordo com um autor de guias sobre Paris do século XIX,

Ferdinand Von Gall (Benjamin, idem). As Galerias eram, no contexto citado, o meio-termo entre a rua e o interior da casa. A impressão era de que os bulevares eram transformados em interiores. Os autores de fisiologia apresentam, de forma clara, a ploretarização do burguês na figura do trabalhador e a mercantilização da arte. Benjamin (1994) considera da seguinte forma o gênero inaugurado pelas fisiologias:

Que a vida em toda a sua diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo: eis o pensamento político secreto da escritura de que faziam parte as fisiologias. (p. 35).

Baudelaire desenvolve uma outra perspectiva em relação à cidade, reconhecendo em outros autores uma preocupação muito semelhante àquela que ele próprio começa a cultivar a respeito da multidão. É importante seguir as trilhas oferecidas pelo próprio Benjamin para se entender a importância dessa forma de escrita, já que elas oferecem, de forma intensiva, uma representação política da condição humana na Modernidade. Benjamin (1994), para voltar-se à obra de Baudelaire, lembra que, a partir do século XIX, percebe-se nas cidades o primado do ver sobre o ouvir. A percepção do flâneur parece se dar diante daquilo que é transitório na cidade, mas ele não simplesmente lamenta-se a respeito da transitoriedade, ele se alimenta dela, ele formula uma espécie de abrigo no ventre da caótica urbanidade – bem entendido, caótica para os cidadãos, não para os gerenciadores políticos da nova ordem social – tecendo uma narrativa dos atrativos da cidade, numa espécie de reconhecimento do apelo erótico das coisas e das pessoas no contexto dos desencontros modernos. Destaca-se, no estudo de Benjamin, uma preocupação com o caráter fantasmagórico da vida parisiense, apresentado em algumas narrativas vulgares do século XIX.

Fantasmagoria diz respeito ao caráter de limiar vivido por alguns produtos culturais antes de tornarem-se efetivamente mercadorias: assim, o caráter de fantasmagoria da flânerie em relação à reforma de Haussmann e mesmo dos panoramas em relação à fotografia. Baudelaire assume uma outra direção em suas narrativas, ocupando-se não em estudar uma natureza humana abstrata, mas em descrever a função das multidões no espaço público. Benjamin (1994) considera que o observador da cidade “(...) *capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista.*” (p.38), citando a preocupação de Balzac com a

elaboração de uma apreensão rápida acerca dos acontecimentos. A intensa narrativa deve se tornar uma base epistemológica nobre aos propósitos do próprio historiador do presente, como foi Walter Benjamin. O autor ainda lembra do magnetismo que a cidade exerceu sobre Edgar Allan Poe e Charles Dickens, que sentia quase a necessidade da experiência febril da cidade para formular o caráter de suas personagens.

A partir de Baudelaire, Benjamin (idem) compreende a urgência dos tempos modernos, identificando uma postura heróica no poeta. Benjamin (ibidem) lembra de um dos poemas das *Flores do Mal* a fim de apresentar a concepção de Baudelaire sobre as cidades e a multidão:

A rua em torno era um frenético alarido.  
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,  
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa  
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.  
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia  
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,  
A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Que luz... e a noite após! – Efêmera beldade  
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,  
Não mais hei de te ver senão na eternidade?  
Longe daqui! Tarde demais! Nunca talvez!  
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,  
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!

Benjamin, ao realizar a análise do soneto, reconhece que o autor dos versos não considera a multidão como o abrigo do criminoso, o que estava presente nos romances policiais, antecipado pelas fisiologias, mas sim como o “*refúgio do amor que foge ao poeta.*” (1994, p. 42). Só a partir da multidão é que a aparição da passante será dada aos olhos do poeta, transitoriamente. Benjamin (1994) considera que sob o governo de Luís Felipe, a burguesia francesa esforça-se por buscar uma compensação pelo desaparecimento da vida privada na cidade grande (p.43), daí o seu esforço de construir invólucros para as coisas e de impregnar de coisas suas o interior das suas casas, como se elas tivessem se tornado uma espécie de cápsula. O *flanêur* atende, inicialmente, a uma necessidade individual burguesa de sobrepor-se à aristocracia e irá tornar-se um instrumento das próprias massas, devido ao protagonismo das mesmas no gênero inaugurado pelo observador da cidade.



Walter Benjamin encontra em Baudelaire o material ao qual deve referir-se a fim de compreender a materialidade da cidade moderna. Sugere que, no texto de Baudelaire, pode-se encontrar uma preocupação com o ritmo das cidades vivido pela mistura de condições sociais. Encontra-se em Baudelaire, na própria existência particular de Baudelaire, a condição de penúria experimentada pelos artistas que perderam a sua aura e confundiram-se com o “homem da multidão”. Conta-se que Baudelaire tentava sobreviver à perseguição de seus credores, mudando inúmeras vezes de residência e, às vezes, pernoitando na casa de conhecidos. A instrumentalização da vida social por intermédio da nova localização das casas foi o golpe que os errantes, os pobres e os artistas endividados sofreram no contexto da Modernidade:

Desde a Revolução Francesa, uma extensa rede de controles, com rigor crescente, fora estrangulando em suas malhas a vida civil. A numeração dos imóveis na cidade grande fornece um ponto de referência adequado para avaliar o progresso da normatização. Desde 1805, a administração napoleônica a tornara obrigatória para Paris. Em bairros proletários, contudo, essa simples medida policial encontrou resistências (...). (Benjamin, 1994, p. 44)

Percebe-se como há uma empatia entre Baudelaire e o objeto de seus textos. Todavia, mais do que isso, há uma empatia entre Baudelaire e a mercadoria, já que o autor refletiu sobre a mercantilização do poeta, afigurando-se, através do uso do entorpecente, como um sujeito movido por interesses quase míticos às interpelações da cidade. Entorpecer-se era uma das garantias para se assemelhar ainda mais às mercadorias, que provocavam, no espaço em que eram colocadas, fascínio sobre os transeuntes. O fascínio exercido pela mercadoria era o sentimento que permitia uma aglutinação abstrata de indivíduos, que perdiam, assim, suas características pessoais, ao tornarem-se “massa”:

Na medida em que o ser humano, como força de trabalho, é mercadoria, não tem por certo necessidade de se imaginar no lugar da mercadoria. Quanto mais consciente se faz do modo de existir que lhe impõe a ordem produtiva, isto é, quanto mais se proletariza, tanto mais é traspassado pelo frio sopro de economia mercantil, tanto menos se sente a empatizar com a mercadoria. Contudo, a classe dos pequeno-burgueses à qual pertencia Baudelaire ainda não chegara tão longe. Na escala de que tratamos agora, ela se encontrava no início do declínio. Inevitavelmente, um dia, muitos deles teriam de se defrontar com a natureza mercantil de sua força de trabalho. (Benjamin, 1994, pp. 54-55)

Na citação anterior, percebe-se como Benjamin busca transcender o próprio conteúdo da obra, através da informação histórica que ela contém. Ou seja, busca

compreender a percepção limitada historicamente de Baudelaire acerca do estatuto da mercadoria, devido à imersão do poeta na própria época que representa, teoricamente. No entanto, o trabalho de Baudelaire, a partir de Benjamin, ganha a dimensão de um esforço em tornar legível a condição do artista na Modernidade.

Para o propósito da presente pesquisa, percebe-se que a condição do flâneur pode ser assumida pelo próprio pesquisador, desde que se considere seriamente a advertência de que se estará limitado pela própria época que se busca compreender, teoricamente. No caso das aglomerações de indivíduos que se relacionam com outros do mesmo sexo, percebe-se que a junção dos mesmos em determinados espaços de lazer, como são as boates, não deve encerrá-los numa espécie de categoria definitiva acerca dos seus desejos. Atualmente, a cidade sofre importantes modificações em seu estatuto, o que merece uma reconsideração das afirmações feitas pelos autores citados anteriormente, mas pode-se afirmar que se vive numa época de extrema visibilidade da intimidade, o que não invalida a necessidade de estudo da experiência homossexual, que se dá em espaços públicos, mas guarda, também, uma dimensão de singularidade, a partir dos distintos modos de apresentar-se publicamente e de constituir-se como sujeito eroticamente inclinado a outros do mesmo sexo. Pode-se recorrer à reflexão sobre a flânerie, reconsiderando-se a aglomeração de indivíduos diante dos espaços sociais inventados para a diversão e o encontro de parceiros como uma espécie de fascínio exercido pelos lugares, coisas e pessoas que correspondam ao estatuto de objetos de desejo, sem abdicar-se de uma apresentação das resistências pessoais e coletivas aos processos hegemônicos de construção de formas de ser homossexual. Antes de se aprofundar nessa perspectiva, cumpre apresentar autores, inspirados ou não pela obra de Benjamin, que se voltaram ao reconhecimento das cidades contemporâneas, a fim de “afinar” o estudo da experiência homossexual<sup>12</sup> na cidade.

Willi Bolle (2000), autor já citado anteriormente, tenciona realizar em sua reflexão uma exposição da condição das megalópoles na América Latina,

---

<sup>12</sup> Têm-se usado expressões diferentes para referir-se ao mesmo objeto de investigação. Mas, prefere-se a expressão que indica o caráter de construção pessoal e coletiva de subjetividades e afetos homoeróticos à expressão que denota mais a medicalização e a cientificação da experiência pelos discursos médico-moralistas do século XIX. No entanto doravante utilizar-se-á mais a expressão homossexualidade ou homossexuais, pois a categoria será objeto de reflexão em capítulo posterior.

considerando o modelo topológico de Benjamin como uma preciosa inspiração para se entender a aglomeração de pessoas, por exemplo, em São Paulo. O autor caracterizou a obra de alguns romancistas contemporâneos como reflexos do pessimismo histórico em voga na nossa literatura, já que a cidade está sempre carregada de signos da desesperança, da miséria e da violência. Numa alternativa diversa, Richard Sennett (2003) realizou um estudo exaustivo sobre a relação entre cidade e corpo na civilização ocidental, propondo uma cronologia que vai desde Atenas clássica até Nova Iorque contemporânea. Na parte dedicada ao estudo das cidades modernas, Sennett (idem) lembra-se do esforço de arquitetos e políticos modernos de empreender uma cidade logo após a Revolução Francesa que enfraquecesse a possibilidade das insurreições populares e que valorizasse a fruição individual, mesmo que ao preço de um isolamento dos indivíduos em relação ao aglomerado de pessoas anônimas com quem devem conviver. A proteção das arquiteturas citadinas e da construção dos próprios ônibus e trens é o emblema da civilização voltada ao indivíduo. A respeito dos trens, Sennett (2003) pensa da seguinte forma:

Desenvolvidos por volta de 1840, os vagões americanos sem cabine asseguravam solidão e silêncio. Todas as poltronas eram viradas num único sentido, de forma que cada passageiro mantinha o olhar fixo nas costas do que ia à sua frente (...) Essa particularidade do american way of life foi adotada na Europa, influenciando o modo como as pessoas sentavam, também, em cafês e pubs. (p. 277)

O advento do individualismo reforça o caráter, de acordo com o autor citado, de “paisagem” ao que é exterior, invalidando a possibilidade de uma participação do observador naquilo que ele observa. As pessoas que transitam em frente a um café são apenas objetos curiosos e divertidos da percepção dos que se sentam para ler os jornais ou beber alguma coisa. Ao citar Greenwich Village, em Nova Iorque, o autor fala que há uma dispersão de individualidades e de etnias diferenciadas, sendo que só é possível esperar, como cume do processo de interpelação, uma tolerância em relação às diferenças. Mesmo com a expressiva participação de homossexuais no confronto com a epidemia de AIDS no início de sua história, o engajamento político dos indivíduos se enfraquece historicamente, já que desde a modernidade as cidades invalidam esse tipo de ocupação dos espaços, ganhando robustez a segregação individual nas cidades contemporâneas como Nova Iorque, que porta os sinais de uma multiculturalidade sem direito à

atenção política, já que há um profundo medo do contato com o outro. A cidade, de acordo com o autor, está submetida a uma “*rede interminável de quarteirões idênticos*” e é possível que daqui a alguns anos, tenha-se mais referências da Roma do imperador Adriano do que da grande metrópole de fibras óticas. A provisoriedade das cidades atuais, sua fisionomia sempre precária, pode ser uma referência importante para as experiências minoritárias, que podem abrigar-se momentaneamente em praças, parques, trechos de praias e determinados bares. A gênese histórica do que ocorre na experiência pública atual encontra na modernidade importantes indícios das imagens de solidão e de despolitização que se experimenta, por exemplo, em determinados nichos de contatos homoeróticos.

Numa boate da zona sul do Rio de Janeiro, por exemplo, os freqüentadores parecem ser autônomos de forma absoluta em relação aos outros com quem “interagem” durante a duração do lazer. Atualmente, existe uma promoção midiática de novos inimigos do desejo erótico por pessoas do mesmo sexo, a ponto de se reatualizar a questão da “cura” da homossexualidade masculina por parte de profissionais religiosos do campo da psicologia. Os movimentos de representação homossexual, no entanto, parecem estar envolvidos com a necessidade do reconhecimento da legitimidade da parceria civil entre homens. Nada parece impedir que as pessoas dirijam-se às boates, exibam o corpo, dancem ao som de músicas estrangeiras, subam até à sauna, bebam um drinque, façam um “boquete” no quarto escuro. Na boate da zona sul, percebe-se que há uma discrepância entre os participantes dos movimentos políticos protagonizados por homossexuais e a variedade de estilos de vida dos sujeitos que freqüentam uma boate gay. Imagem aparentemente desesperançosa da experiência, ela indica, na verdade, o efeito das intermináveis promoções do prazer individual como uma forma de acesso aos outros.

Além disso, a ocultação de alguns espaços da cidade da percepção mais hegemônica favorece uma espécie de invisibilidade dos sujeitos que não desejam construir uma identidade homossexual. Numa noite em que se realizou uma incursão a uma das boates pesquisadas, um rapaz queria saber se ele, não sendo gay, poderia entrar e se divertir. À resposta positiva dos seus interlocutores correspondeu uma participação efetiva do rapaz nas tramas – aos seus interlocutores, invisíveis – em que ele mergulhou até de madrugada. A materialidade das cidades representa, dessa forma, alguns aspectos da

historicidade da própria experiência homossexual, por permitir o ocultamento das práticas mesmo que em espaços “públicos”.

Interpretar os signos mundanos da experiência homossexual é possível a partir de um flunar por entre alguns espaços disponíveis da cidade. As imagens que se sucedem são, por muitas vezes, contrastantes com os sentimentos de tolerância divulgados pela imprensa mais hegemônica. Flunar por esses espaços só se torna possível, desde que se compreenda que estatuto o que foi “visto” pode assumir na caracterização da materialidade das relações entre os indivíduos.

Em um Carnaval recente, provavelmente em 2003, foram realizadas deambulações por ruas em que blocos de homens divertiam-se e permitiam-se gestos e posturas distintas das que se viam cotidianamente, naqueles trechos de ruas. De acordo com Green (2000), já há bastante tempo em que se considera o Carnaval do Rio de Janeiro como uma oportunidade histórica de suspender-se a rígida hierarquia econômica e, mesmo, sexual que caracteriza a nossa sociedade. Essa impressão deve ser relativizada, de acordo com o autor, pois desde a passagem do século XIX ao século XX, os indivíduos que se travestem têm tentado aparecer em público nas épocas distantes do Carnaval tal como apresentam-se no Carnaval e têm sofrido duras sanções da polícia e da sociedade, como um todo. Green (idem) considera que

A apropriação homossexual do espaço durante as comemorações do carnaval tem sido um processo longo e árduo. A sociedade dominante no Brasil acomodou-se de forma relutante e desigual à expansão de territórios homossexuais durante as festas carnavalescas. A reação das autoridades e do público tem oscilado entre a aceitação e a repressão, entre a curiosidade e a repulsa. (p. 331)

Logo, de acordo com a discussão anteriormente proposta, percebe-se como não se pode simplesmente acatar a superficial tolerância da sociedade brasileira em relação à determinadas práticas minoritárias. Retornando ao episódio que foi inicialmente narrado, é possível lembrar que homens de diferentes lugares, de diferentes perfis, abraçavam-se e divertiam-se diante de um hospital que se localiza numa rua famosa em Ipanema, a Rua Farme de Amoedo, conhecida por ter um bar freqüentado maciçamente pelo público gay. Enquanto se lembra do quanto os homens divertiam-se e pulavam o Carnaval, cenas e interpretações contemporâneas do fato mesclam-se no pensamento do narrador. A suspensão das moralidades hegemônicas por algumas horas reforçava a sensação de uma

liberdade ansiosamente conquistada, mas durante o ano seguinte rapazes<sup>13</sup> relataram que tinham sido agredidos ao passarem pela rua em questão ou mesmo por ruas próximas. A transitória felicidade dos rapazes beijando-se, de mãos dadas no meio de aglomerados de pessoas distendia as exigências de invisibilidade cotidianas.

Além das bandas de Carnaval, os homens interagem em outros momentos do ano e em outros espaços da cidade. No banheiro masculino de um shopping center em Niterói, numa tarde muito quente, o movimento era intenso e confuso, dada a quantidade de homens que transitavam num espaço exíguo. Os banheiros parecem ser espaços mais populares de interação entre os indivíduos e a observação dos homens que urinam pode ser considerada ainda como um passaporte para se escolher com quem se pode estabelecer algum tipo de relação. Os banheiros têm uma posição complexa na topologia do desejo entre homens. Os banheiros de faculdades, por exemplo, estão impregnados de informações e de mapeamentos dos possíveis parceiros nas paredes dos boxes. Encontros clandestinos realizam-se nos banheiros, em horários diversos do dia, informando que a eroticidade pode ser realizada em momentos em que nem se desconfia, no caso da perspectiva das “outras” pessoas, que não sejam homossexuais, ou que não gostem de relacionar-se com pessoas do mesmo sexo.

Conhecer uma cidade, nesse sentido, não pode estar resumido a uma observação de sua materialidade mais imediata. Italo Calvino (1998) já havia proposto, ficcionalmente, o caráter polivalente de uma cidade, narrando aspectos ocultos da cidade ao considerar as próprias viagens de Marco Polo. Numa das cidades conhecidas por Polo, o narrador define que uma localidade não pode ser conhecida apenas pelo seu caráter mais imediato, mas também e principalmente, pela dilatação que ela sofre através das recordações dos seus moradores e pelas marcas impressas pelo tempo no corpo da cidade. Arranhões, antenas e corrimãos contam a história da cidade. No caso do desejo entre homens, banheiros também são os protagonistas das interações, suspendendo provisoriamente a centralidade das identidades sexuais.

---

<sup>13</sup> Informação retirada da apresentação de Fabiano Gontijo durante o seminário Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde, sob a responsabilidade da ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS) durante o ano de 2004.

Há, também de acordo com Calvino (idem), cidades ocultas. Esbarra-se com cidades ocultas, ao entrar-se num banheiro durante uma tarde comum e deparar-se com situações que evocam o desejo entre homens. Esbarra-se com cidades desconhecidas, ao penetrar-se em boates escuras que lembram cinemas em que uma realidade outra compõe-se e determina a natureza da percepção. Flanar por essas cidades ocultas garante uma aproximação sensível às transições pelas quais as relações entre homens têm passado. A promoção da juventude no mundo contemporâneo pode ser vislumbrada nos espaços disponíveis para a diversão. Garotos de uniforme freqüentam parques públicos em busca de um parceiro do mesmo sexo, meninos desfilam pelos corredores de um shopping center magnetizando os olhares de outros homens. No interior mesmo de uma cidade hierarquizada e fragmentada, a ocupação homossexual emerge numa intensa dicotomia entre visibilidade e invisibilidade, o que parece reeditar a situação histórica das práticas minoritárias no nosso país.

Acerca das práticas sexuais entre homens, James Green (2000) e João Silvério Trevisan (2000) problematizam a situação histórica da homossexualidade masculina no Brasil, descrevendo os processos que a prática sexual entre homens atravessou, pelo menos recentemente. Green (2000) propõe que se estude a passagem do século XIX ao século XX até o final do que se convencionou chamar de *Belle Époque* para que se entenda as primeiras topologias do desejo entre homens, especificamente no Rio de Janeiro. Ao estudar esse momento da história, o autor refere-se à *flanerie* proposta por João do Rio, famoso pseudônimo de um jornalista que perambulava por espaços pobres e “suspeitos” da cidade e que era condenado por seus críticos, por ser, supostamente, homossexual. Na época descrita por João do Rio, as praças eram ocupadas por pessoas de diferentes classes sociais, sendo que os sujeitos mais abastados tinham a oportunidade de serem vistos, à medida que andavam por trechos da cidade. Os indivíduos mais empobrecidos buscavam oportunidades de trabalho e os “frescos”<sup>14</sup> tencionavam encontrar a possibilidade da intersexualidade<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Uma das formas de referir-se aos indivíduos que mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, no século XIX e início do século XX.

<sup>15</sup> Trata-se de uma nomenclatura das relações sexuais tornadas objeto de preocupação moral e científica no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Coloca em questão o caráter invertido das relações entre pessoas do mesmo sexo e a preocupação jurídica com o estatuto das mesmas. Importantes juristas e médicos do século XIX voltaram-se a preocupação de catalogar

Trevisan (2000) busca apresentar os diferentes momentos da história da homossexualidade no Brasil, argumentando a favor de uma desnaturalização das concepções contemporâneas, usando referências antropológicas, filosóficas e históricas a fim de construir um quadro das concepções de sexualidade constituídas em contexto brasileiro moderno e contemporâneo. O autor, inicialmente, está preocupado com a gênese da expressão “homossexualidade”, sem abdicar do relato sensível sobre o desejo sexual entre iguais em diferentes aspectos da nossa realidade: seja referindo-se aos índios ou aos pacientes da moderna psiquiatria, Trevisan (2000) busca caracterizar o intuito científico de apropriação da intensidade da experiência erótica pelas técnicas modernas de subjetivação e de hierarquização das diferenças. Medicina e psicologia são os herdeiros modernos da “caça” à diversidade sexual, vista como ameaça à civilização.

Nas duas obras citadas, o burburinho das ruas está presente. Ao referir-se a João do Rio, por exemplo, uma das obras se volta às estratégias de sobrevivência do desejo num contexto de extrema valorização das experiências heterossexuais, como o foi o início do século XX. O esforço que os “invertidos” deveriam fazer para não serem flagrados em público dá uma idéia da importância da invisibilidade para algumas experiências. No entanto, algumas personagens históricas acabam por tornar-se públicas, expressando sua ambigüidade, devido à natureza dos encontros que vivenciam e aos códigos compartilhados para serem considerados como “homens”. Trevisan (2000) faz uma lista de algumas dessas personagens, como os travestis Zazá e Tabu, estudados pela criminologia paulista na década de 30 e Madame Satã, mistura de referências à valentia e à caricatura, no estudo sobre as sociabilidades históricas inventadas na Lapa, bairro do centro do Rio de Janeiro.

A condição marginal das experiências homossexuais ainda é visível, na atualidade. Nas páginas de jornal de grande circulação, a nova preocupação moral com a demanda pelo reconhecimento das parcerias civis por parte de casais homossexuais inunda os espaços de informação, com comentários jocosos de políticos e “psicólogos”. Frequentadores de boates na zona sul do Rio de Janeiro

---

os motivos das relações invertidas. Para mais detalhes, ver Trevisan (2000), cuja referência mais ampla encontra-se na Bibliografia.



têm aparecido nas notícias de jornal como vítimas de novas violências cotidianas. O surgimento da INTERNET com suas vias eletrônicas é uma das formas “relativas” de sobrevivência à violência cotidiana.

A fisionomia da experiência homossexual, hoje, pode ser recolhida em alguns dias e noites, na cidade. Na praia de Ipanema, por exemplo, no trecho ocupado pelo público gay, homens estrangeiros, rapazes do Rio de Janeiro, vendedores de mate e de sanduíches naturais compartilham algumas horas, supostamente protegidos da violência devido à banalização do espaço. Na praia, os corpos mais fortes são facilmente alçados à condição de objetos de desejo e os idiomas diferentes (consegue-se discernir inglês, francês e espanhol) coadunam-se numa festividade temporária. Durante a noite, há trechos das praias onde realizam-se shows cômicos. Houve um que foi protagonizado por um rapaz extremamente magro que ironizava os “pêlos pubianos” das mulheres, enquanto se contorcia para delírio do público, composto não somente por homens homossexuais.

A condição rotineira e imediata das percepções citadas requer, de acordo com o que foi discutido, uma forma de apreensão rápida, demonstrando que a atualidade está impregnada de referências históricas antecedentes. Por exemplo, apesar da transitória visibilidade do Carnaval ou da praia, os homossexuais ainda são vítimas de violências cotidianas. Além disso, uma forma atual de unificação dá-se a partir do “consumo”, como se pode dar conta através das roupas que as pessoas usam, do corpo que elas almejam possuir e da relação hegemônica de provável indiferença quanto ao destino jurídico das parcerias homossexuais. Assim, o “presente” não é um momento estanque na história das práticas sexuais entre homens. Há muitas expectativas e estratégias já antigas de sobrevivência aos abusos dos opositores desse tipo de realidade.

A percepção sobre o que se passa na cidade em relação às práticas eróticas e sexuais entre homens deve recorrer ao aspecto mágico e entorpecedor das próprias possibilidades de interação. É possível considerar que a crescente mercantilização em voga no capitalismo atual tenha atingido a quase totalidade das experiências sociais, permitindo que a própria elaboração de identidades sexuais ou práticas sexuais tenha incorporado as exigências da “mercadoria”. Numa noite de Maio de 2005, foi realizada uma incursão a uma boate gay em Ipanema em que era legítimo perceber os signos do consumo nas roupas e nas atitudes dos

freqüentadores, pois era impossível identificá-los a partir de uma categoria prévia como a homossexualidade, mas era possível reconhecer os seus estilos de vestuário e sua imponência em relação às pessoas que não conheciam.

A “magia” do consumo já permitiu que o desejo homossexual tenha alcançado as mídias e que o tecido social ofereça muitas oportunidades de interação. Para se alcançar uma compreensão do momento atual da história da homossexualidade masculina, é necessário acatar sua diluição através dos signos do consumo e sua despolitização, através da crescente individualização da experiência. No entanto, para que não se utilize um mecanicismo<sup>16</sup> que dá à realidade econômica e histórica a condição de causa e à experiência cotidiana a condição de efeito, é importante traduzir as práticas visíveis por intermédio das deambulações como “experiências”, pois a intensidade das coisas desejadas, os ritos inventados socialmente, as palavras trocadas entre indivíduos reais e não deduzidos teoricamente são os principais objetos da atual preocupação. Para que continue a narrativa das deambulações, torna-se imprescindível reconhecer as práticas visadas como experiências na cidade.

Apesar do conceito de experiência ser uma das principais questões da obra de Walter Benjamin e, mesmo, garantir um encaminhamento metodológico à presente pesquisa, na obra de um outro pensador, Michel Foucault, encontra-se uma justificativa teórica para a compreensão contemporânea das práticas sexuais e das sociabilidades entre homens. No próximo capítulo, será apresentada a obra em questão e os instrumentos que facilitaram a interpretação de práticas sexuais e eróticas entre homens no bojo da cidade.

---

<sup>16</sup> Uma posição dualista como esta é encontrada no trabalho de Richards (1993), em que há uma preocupação com o estudo das minorias na Idade Média, numa tradição de estudos que se aproxima das revoluções historiográficas do século passado. Richards (1993) em seu trabalho cita os judeus, os hereges, os bruxos, as prostitutas, os homossexuais e os leprosos como exemplos de minorias. Prevenido pelos trabalhos de Foucault e de Paul Veyne sobre a sexualidade ocidental, Richards (idem) insiste em considerar que, mesmo não havendo a terminologia “homossexual” na Idade Média, é possível estudar as sanções que as práticas sodomitas sofriam no contexto histórico citado, recorrendo ao problema moral que práticas consideradas desviantes levantavam. O trabalho de Richards considera que seja um problema terminológico a consideração das práticas sodomitas como práticas homossexuais e faz uma importante distinção entre prática e orientação sexual, tema que ganhará maior relevância no contexto histórico moderno. O trabalho de Richards se restringe à uma consideração nominalista sobre o problema da sexualidade, quando se sabe que as práticas discursivas instituem formas de personalidade que se infiltram nas relações cotidianas entre os indivíduos de uma dada sociedade. Neste sentido, o seu trabalho pode ser vislumbrado como uma perspectiva continuísta sobre o problema das práticas periféricas, historicamente fixadas no contexto moderno, de acordo com Michel Foucault.